

AQUARELAS*

I

OS FANQUEIROS LITERÁRIOS

Não é isto uma sátira em prosa. Esboço ligeiro¹ apanhado nas projeções subtis² dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco³ de prosador novato – fanqueiro literário.

A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda a ondulações das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufatora⁴ do talento – apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vazar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.

A fancaria literária poderá perder pela elegância suspeita da roupa feita – mas nunca⁵ pela exiguidade dos gêneros. Tomando a tabuleta por base do silogismo comercial é infalível chegar logo à preposição menor,⁶ que é a prateleira guapamente atacada a fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas.

É um lindo comércio. Desde José Daniel⁷ o apóstolo da classe – esse modo de vida tem alargado a sua esfera – e, por mal de pecados,⁸ não promete ficar aqui.

O fanqueiro literário é um tipo curioso.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859), GUAR (ano I, n. 36, p. 4-5, 3 dez. 1871), ESP2009 (p. 35-39), MASA (p. 77-80). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Em ESP2009, acima do título há esta data: “11 de setembro de 1859”. J. Galante de Sousa não registra a publicação em GUAR. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva.

¹ ligeiro] literário – em ESP2009.

² subtis] sutis – em ESP2009 e em MASA.

³ seco] saco – em GUAR.

⁴ manufatora] manufatora – em ESP2009 e em MASA.

⁵ nunca] nnca – em GUAR.

⁶ preposição menor,] proposição menor, – em MASA. A palavra “preposição” pertence, também, à esfera comercial – razão pela qual, apesar de seguida do adjetivo “menor”, num aparente trocadilho com a nomenclatura da lógica formal, julgamos prudente conservá-la.

⁷ José Daniel] José Daniel, – em ESP2009. José Daniel Rodrigues da Cosa (Leiria, 1755-Lisboa, 1832): poeta árcade, utilizou na Nova Arcádia o pseudônimo de Josino Leiriense. Notabilizou-se como autor de peças de teatro satíricas e de panfletos jornalísticos em forma de folhetos de cordel, os “periódicos”. (Cf. MACHADO, 1996, p. 150)

⁸ mal de pecados,] mal de pecados – em GUAR; mal dos pecados, – em MASA.

Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente à autópsia. Adelo ambulante da inteligência, ia *farto como um ovo*,⁹ de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias. Não se cultivava impunemente aquela amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Farsália¹⁰ hebdomadária das bolsas mal-avisadas.

A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco¹¹ airoosas, levava o atrevimento ao ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa para uma certa ilha;¹² a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. É positiva a aplicação.

Os fanqueiros modernos não vão à feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A vereda é outra;¹³ explora-se¹⁴ as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes chovem em louvor deste natalício ou daqueles desposórios. Nos desposórios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitólio.¹⁵

Desposório, natalício ou batizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração às musas fanqueiras. É um eterno *genesis*¹⁶ a referver por todas aquelas almas (*almas!*) recendentes de zuarte.

⁹ *farto como um ovo*: “cheio de si”, “ vaidoso”. Antenor Nascentes (1966, p. 207) registra a expressão “*cheio como um ovo*”, que significa “muito cheio”, “não cabendo mais nada”.

¹⁰ Farsália: poema épico, desprovido de deuses e heróis, escrito por Marco Aneu Lucano (Córdoba, 39-Roma, 65), cujo assunto é a guerra fratricida entre Júlio César e Pompeu, narrada em perspectiva desencantada e sombria.

¹¹ pouco] poucos – em GUAR.

¹² Referência à obra *Barco da carreira dos tolos*, de José Daniel Rodrigues da Costa, publicada em Lisboa em 1803. A obra compunha-se de 12 folhetos mensais (de janeiro a dezembro), de 32 páginas cada um, dedicados às viagens de transporte dos tolos para uma ilha, “para que em pleno repouso pudessem gozar livremente da sua Tolice, sem estorvo dos que imaginam ter nascido para censurar, e emendar o gênero humano.” (1803, folheto I – janeiro, p. 10) Eram tantos os tolos, que foram divididos nas seguintes 12 categorias (cada uma transportada num mês): modistas, namorados, malcasados, malcriados, velhacos encobertos, bêbedos, soberbos, presumidos, queixosos da fortuna, crédulos, os que em tudo se metem e os tolos em geral.

¹³ outra;] outra: – em GUAR.

¹⁴ explora-se] exploram-se em ESP2009 e em MASA (ambas essas edições anotaram a variante de ESP). Sobre esta questão (o “se” apassivador), ver Domingos Paschoal Cegalla (2009, p. 354-356), Manuel Said Ali (1957, p. 89-104), Maria Helena de Moura Neves (2003, p. 690).

¹⁵ “Capitólio (lat. *capitolium*), templo dedicado a Júpiter, e cidadela no monte Capitolino, uma das sete colinas de Roma, onde os triunfadores eram coroados. Daí as locuções: “Subir ao Capitólio”, “Ser elevado ao Capitólio”, triunfar, obter um sucesso retumbante. Perto do templo estava a rocha Tarpeia, donde eram precipitados os traidores. Daí provém a locução “Do Capitólio à rocha Tarpeia não vai mais do que um passo”, quando se quer dizer que muitas vezes o opróbrio segue de perto o triunfo.” (GRAVE; COELHO NETO, s.d., v. I, p. 458)

¹⁶ *genesis*] *gênesis* – em ESP2009 e em MASA (nesta e na ocorrência seguinte). Optamos pela grafia sem acento – forma latina da palavra (que vem em itálico).

Entretanto¹⁷ esta calamidade literária não é tão dura para uma parte da sociedade. Há quem se julgue motivo de cuidados no Pindo¹⁸ – assim com pretensões a semideus da antiguidade; e¹⁹ um soneto ou uma alocução recheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça – sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam – sem tom nem som.

Mas entretanto – fatalidade! – por muito consistentes que sejam essas ilusões caem sempre diante das consequências pecuniárias; o fanqueiro literário justifica plenamente o verso do poeta; *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*.²⁰ O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar.

Querendo imitar os espíritos sérios lembra-se ele de colecionar os seus disparates²¹ e ei-lo que vai de carrinho e almanaque²² na mão – em busca de notabilidades sociais. Ninguém se nega a um homem que lhe sobe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos lábios. Chovem-lhe assim as assinaturas. O livrinho se prontifica e sai a lume.²³ A teoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução, os nomes das vítimas subscritoras vêm²⁴ sempre em ar de escárnio no pelourinho de uma lista-epílogo. É sobre queda couce.²⁵

Mas tudo²⁶ isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo livrarias!²⁷

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente – nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água.

Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu pudor moral.²⁸ Mas cá as

¹⁷ Entretanto] Entretanto, – em ESP2009.

¹⁸ Pindo: monte situado ao norte da Grécia, consagrado a Apolo e às musas.

¹⁹ e] é – em ESP2009.

²⁰ *não arma ao louvor, arma ao dinheiro.*] *não arma do louvor, arma do dinheiro.* – em ESP2009 (a variante do jornal foi registrada em nota); *não arma ao louvor, arma ao dinheiro.* – em MASA. Não localizamos a fonte da expressão.

²¹ disparates] disparates, – em ESP2009.

²² almanaque] almanaques – em ESP2009.

²³ a lume.] à lume. – em ESP e em GUAR.

²⁴ vêm] vem – em ESP e em GUAR. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XLV), dá “vem” como forma plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “vir”.

²⁵ É sobre queda couce.] É, sobre queda, coice. – em ESP2009 e em MASA.

²⁶ tudo] tueo – em GUAR.

²⁷ livrarias!] as livrarias! – em ESP2009.

²⁸ A partir deste ponto, em ESP2009, começa novo parágrafo.

espera o fanqueiro;²⁹ nada! o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onipotente.³⁰

É de desesperar de todas as ilusões!

Em Paris onde esta classe é numerosa há uma especialidade que ataca o teatro. Reúnem-se meia dúzia em um café e aí vão eles de colaboração alinhar o seu *vaudeville* quotidiano. A esses milagres de faculdade produtiva se devem tantas banalidades que por lá rolam no meio de tanto e tão fino espírito.

Aqui o fanqueiro não tem por ora lugar certo. Divaga como a abelha³¹ de flor em flor em busca de seu *mel* e quase sempre, mal ou bem, vai tirando suculento resultado.³²

Conhece-se o fanqueiro literário entre muitas cabeças pela extrema cortesia. É³³ um *tic*.³⁴ Não há homem de cabeça mais móbil, e espinha dorsal mais flexível; – cumprimentar para ele é um preceito eterno; e ei-lo que o faz à direita e à esquerda; e cousa³⁵ natural! sempre lhe cai um freguês nessas cortesias.

O fanqueiro literário tem em si o termômetro das suas alterações financeiras; é a elegância das roupas. Ele vive e trabalha para comer bem e ostentar.³⁶ Bolsa florescente, ei-lo *dandy*³⁷ apavoneado – mas sem vaidade; lá protesta o chapéu contra uma asserção que se lhe possa fazer nesse sentido.

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra antediluviana.³⁸ Por mim³⁹ que não faço mais que reproduzir em aquarelas as formas grotescas e *sui generis* do tipo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação.

Uma última palavra.

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Este⁴⁰ moer contínuo do espírito que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência.

²⁹ fanqueiro;] fanqueiro: – em MASA.

³⁰ onipotente.] onipotente. – em ESP2009 e em MASA.

³¹ a abelha] uma abelha – em MASA.

³² resultado.] resultado, – em ESP.

³³ É] E – em GUAR.

³⁴ *tic*.] tique. – em ESP2009. Preservamos o estrangeirismo (francês).

³⁵ cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA.

³⁶ ostentar.] ostentar, – em GUAR.

³⁷ *dandy*] dândi – em ESP2009. Preservamos o estrangeirismo (inglês).

³⁸ Georges-Louis Leclerc (Montbard, 1707 – Paris, 1788), conde de Buffon: naturalista francês, autor da *História natural*; Georges Cuvier (Montbéliard, 1769 – Paris, 1832): naturalista francês, criador da anatomia comparada e da paleontologia.

³⁹ Por mim] Por mim, – em ESP2009.

⁴⁰ Este] Esse – em GUAR e em ESP2009.

Procurem os caracteres sérios abafar esse *estado no estado* que compromete a sua posição e o seu futuro.⁴¹

*M-as.*⁴²

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

GUAR – *O Guarany*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

Referências

ALI, M. Said. O pronome “se”. In: *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957. p. 89-104.

ASSIS, Machado de. Aquarelas I. Os fanqueiros literários. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00002.pdf>.

ASSIS, Machado de. Aquarelas I. Os fanqueiros literários. *O Guarany*, Rio de Janeiro, ano I, v. 36, p. 3-4, 3 dez. 1871. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=748390&pasta=ano%20187&pe sq=&pagfis=284>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

⁴¹ e o seu futuro.] e seu o futuro. – em ESP.

⁴² Machado de Assis empregou esse pseudônimo em matérias publicadas em *O Espelho*, mas grafadas de modo ligeiramente diferente: “*M-as.*”, “*M.-as.*” e “*M-as*” (há dúvida sobre a existência do ponto-final na leitura do jornal). Uniformizamos a grafia desse pseudônimo assim: “*M-as.*”

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Barco da carreira dos tolos*. Obra crítica, moral, e divertida. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1803. [Doze folhetos, um para cada mês – de janeiro a dezembro –, cada um com paginação própria.]

GRAVE, João; COELHO NETO. *Lello universal em 4 volumes: novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Porto: Lello & Irmão, s.d.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Álvaro Manuel. Org. e Dir. *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.